

Director: MANUEL DA SILVA CAMPOS
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL
DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
ASSINATURA: Lisboa, mês 750; Província
3 meses 250; África Portuguesa, 6 meses
500; Estrangeiro, 6 meses 600.

TERÇA-FEIRA, 11 DE NOVEMBRO DE 1924

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VI — N.º 1831

OS FESTEJOS DO ARMISTÍCIO

Celebra-se hoje o 6º aniversário da assinatura do armistício. Essa comemoração apresenta-se com um caráter festivo.

Considerado apenas o facto de terminar da carnificina da guerra, o armistício representou incontestavelmente uma vantagem. Apenas o que há a frisar é que podendo a guerra ter terminado mais cedo sejam os elementos militaristas que a prolongaram que, agora se arvorem em festejadores da paz.

Quanto ao resto, sob o ponto de vista económico, a situação não melhorou em tempo de paz sobre o que era no tempo da guerra. Só esse ponto de vista não há nada a festejar. Há, pelo contrário, a lamentar a crise pavorosa a que políticos, industriais, comerciantes e alta finança nos levaram com as suas ambições desmedidas, as suas especulações ignóbeis. A vida após a guerra, em vez de baratear, encareceu. Não há razão para deitar foguetes. No entanto são precisamente as classes dominantes que exploraram a população, que quase a mataram à fome, quem agora promove as festas, como se com elas quisesse fazer convencer o povo que tem sofrido uma vida de dificuldades que, afinal, tudo isso é um céu aberto de felicidades.

Quando o armistício se assinou logo foi proclamado que a vida económica se iria normalizar, que os gêneros de primeira necessidade iriam baixar. Porém nada disso aconteceu. Nos primeiros dias ainda o pânico fez baixar alguns gêneros; depois os comerciantes conseguiram-se de que os consumidores podiam continuar a suportar os preços elevados e a baixa parou e dentro em pouco os gêneros começaram a subir vertiginosamente. Desde então tem sido um regaço para todos os exploradores que se não esquecem de atribuir ao encarecimento da mão de obra o encarecimento desses gêneros, como se não fosse após o encarecimento da vida que se reclama aumento de salário e como se o salário não tivesse ficado sempre muito aquém do custo da vida.

No momento presente em que a vida não baixou tenta-se fazer baixar o salário. O caso de Guimarães é típico. O patronato fez uma redução de salário sem aliás reduzir o preço dos produtos que esses operários fabricavam.

O passo que as reclamações operárias se seguiram sempre ao encarecimento dos gêneros, agora os industriais, que já têm matérias primas mais baratas, combustível mais barato, pela alta da divisa cambial, pretendem fazer baixar o salário antes de baixarem eles o preço dos gêneros. O mesmo facto se dá com os comerciantes, quando a libra subiu logo eles elevaram o preço dos gêneros, mesmo aqueles que tinham comprado com a libra mais baixa; agora que a libra desce mantêm os preços altos, alegando que os compraram caros, como se com os escudos que recebem não tivessem agora uma possibilidade de aquisição muito maior para renovar os seus fornecimentos.

Vê-se, pois, que a situação criada pelo armistício só tem aproveitado à classe burguesa. Essa tem, pois, toda a razão de festejar o armistício, visto que depois dele ganhou ainda mais do que tinha ganho durante a guerra. E festejando-o, ela fá-lo com tanta consciência que seria capaz de, por ganância, desencadear uma nova guerra.

Este é o principal motivo porque o operariado se não encontra hoje ao lado dos festeiros colaborando nessa manifestação de que inteiramente se desinteressa.

O Suplemento de A Batalha

Foi ontem posto à venda mais um número do Suplemento semanal literário e ilustrado de A Batalha cujo sumário é como segue: Carta a um industrial sobre a crise de trabalho, os perigos da redução de salários; A declaração ministerial e o suborno da imprensa; A prostituição regulamentada, pelo dr. Arnaldo Braçao; Entrevista com uma capa a propósito do conflito dos estudantes dos liceus; Os grandes compostores: Schumann e Chopin, por Nogueira de Brito (com retratos); O piano desmontado por Ferreira de Castro; Histórias dum vagabundo; O enfocado de Sandomir por Vasco da Fonseca; A situação da mulher através das idades por José Carlos de Sousa; O que todos devem saber... Chico, Zecas & C. — Colaboração artística de António dos Santos, Alfredo Cândido, José Neto e Stuart Carvalhal.

NOS CONFINS DA BEIRA BAIXA

Os povos de Alares, Cegonhas e Co-beira, vítimas duma burla

Uma família de ricaços que reivindica direitos feudais e pretende expulsar três povos das suas terras

O carro deixou a cidade e tomou pela longa e branca estrada, orlada de eucaliptos sombrios e altos, que conduz à terras de Espanha. A manhã era enevoada e ameaçadora; no horizonte amplo que se perdia muito longe no cume das serranias azuis, flutuavam grandes nuvens, leves e brancas, umas, como algodão em rama; negras e pesadas, outras, anuncianto chuva. O nosso carro rolou por muito tempo na estrada encilhada. Ao longe, no sopé da serra da Guardunha, um edifício claro brilhava batido por uma reseta de sol — era o edifício vasto do antigo colégio de São Fiel. Para traz, a cidade de Castelo Branco, estendida na encosta dum pequeno monte, sumia-se lentamente na neblina.

O carro rodava sempre, ao passo cada vez das suas éguas doces e os nossos olhos curiosos procuravam nas grandes propriedades que nos circundavam sinais de agricultura. Tudo árido, tudo abandonado à pastagem dos grandes rebanhos que de quando em vez, nos surdiu numa curva da estrada, trotando ao som ritmico dos chocalhos que entoavam uma canção doce e monótona.

O carro seguia sempre. Havia mais de oito leguas a percorrer e o Tavares, que tocava as éguas, não queria perder um minuto. Já ficara para a rectangular aldeia, sumida entre arvoredo frondoso — Escalas de Baixo — e não estávamos longe de outra povoaçao maior — Ladeiro — onde descurriam uns poucos. Pela direita, numa encosta longinquia, aparecia-nos Montorre, e no extremo oposto, para cá de Monsanto da Beira Baixa, onde, como em Lisboa, foi replantada por momentos a monarquia, espreguiçava-se entre verduras víscosas a vila de Idanha-a-Nova.

Agora deixavam-nos a estrada protegida de eucaliptos elegantes e atravessavam por um caminho rudimentar terras silenciosas onde não aparecia viva alma. Iá de longe em longe, num casal, ladrava um molosso de má cadatura. Depois o silêncio e o abandono, por essas terras imensas e mal aprofundadas...

Quando a tarde declinava, deu o carro em descer uma encosta ingreme no fundo da qual corria um rio de águas barrentas e lodosas — o Aravil. Em breve nos transportávamos através do rio, a vau, para a outra margem.

Um mundo novo

Para lá do Aravil outro mundo começava. De um e outro lado do caminho a terra lisa e verdejante, acarinhada no seu seio a semeadura de pão. Flutuava na atmosfera estática daquela entardecer um quê de paz e tranquilidade. Estábamos em terras da povoaçao de Cegonhas, onde factos extraordinários e lamentáveis se têm produzido nestes últimos tempos. Breve descontínua, recolhidos entre encostas amanhoadas, alguns tetos de colmo e telha vã. O termo da viagem estava próximo.

O carro entrou nos solavancos na rua principal do lugar de Cegonhas. Fugiram suinos e galinhas, grunhindo e cacarejando. Um magote de compõeses e de mulheres de traços berrantes aguardava-nos de olho desconfiado.

Desemos. As pernas trêspegas de um dia de viagem hesitaram no terreno enlameado. Preguntámos por um nome e logo várias bocas responderam ao mesmo tempo.

Apolinário Gardete que procurávamos, mandou-nos entrar em sua casa, enquanto sua mulher, a tia Inês, acanhada pela nossa visita e lamentando que Cegonhas não fosse «terra de provindências», se ia à lida a preparar-nos a ceia.

Apolinário faz-nos sentar nas cadeiras de palha da região. E os nossos olhos constataram com alegria o asseio que reinava em toda a casa, desde as paredes caídas ao chão de lageado gasto.

De há trezentos e tal anos

Apolinário Gardete é analfabeto, mas explica-se bem, num português mais puro do que o de muitos doutores.

Ali, naquela região, sobre três lèguas de comprimento, que vão do Aravil ao Tejo, e outras tantas de largura vivem há mais de trezentos anos, três povos, a saber: Cegonhas, Alares e Co-beira. Formam hoje as três povoaçoes reunidas uns duzentos fogos, ou seja, para cima de 1.200 pessoas.

Durante muitos anos — diz-nos Apolinário — os três povos fôram pagar os foros ao Estado que nesse tempo, segundo contavam os nossos avós e bisavós, constavam de três pedras de linho (três quilos pouco mais ou menos), quatro galinhas e 1.200 réis em dinheiro.

Bons tempos... comentámos.

Bons tempos — prosseguiu o camponês. — Primeiro íamos pagar o fôro a Salvaterra, depois a Segura, Rosmaninhual e por fim a Idanha a Nova. Há sessenta anos, para mais e não para menos, em Idanha recusou-se o Estado a receber os foros.

Porque?

— Não sabemos. Coisas passadas há tanto tempo... Depreendemos que o Estado atraiu aos três povos a posse definitiva de terras.

Um grupo de camponeses que, curioso, se formava à porta da casa da tia Inês, comentava as palavras de Apolinário, com si-nais afirmativos de cabeça.

A tia Inês trouxe-nos a ceia fumegante e apetecida. A noite caiu, envolvendo tudo numa sombra densa. E à luz duma lamparina de azeite que tremeluzia, pendente de uma parede, a conversa continuou.

Um visconde que cai do céu...

Durante seis anos estiveram os povos sem pagar os foros. Nesse meio tempo apareceu no monte da Cobeira um homem que ali se refugiara da acção da justiça de Castelo Branco, e que se intitulava visconde de Mourão.

Hospitaleramente tratado pelo povo da-

1887 — 11 de Novembro — 1924

Os mártires de Chicago

Recordando os fusilamentos de Chicago, cujo 37º aniversário hoje passa, o grupo anarquista O Semeador envia-nos um artigo comemorativo desta efeméride operária que com muito prazer publicamos.

Desencaleava-se uma greve; os grevistas haviam-se reuniido em comício; alguém, sem dúvida nenhuma instigado pelos que tinham interesse em tornar odisso o movimento, lançou uma bomba sobre um desmatamento de polícia que canibalisticamente investia contra os que reclamavam justiça numa forma pacífica. O capitalismo assustava-se com a manifestação; necessário era debelar as rebeliões dos explorados; concebeu-se um plano de ferias para inutilizar o protesto dos trabalhadores, tolher a marcha das reivindicações do operariado, aniquilar as ideias libertárias. Aquela bomba foi o primeiro gesto do capital, e aproveitando o pânico e a confusão que se estabeleceram fizera-se várias prisões e entre os visados pelo ódio burguês, foram atingidos, pela sanha policial, 8 militantes anarquistas que nem sequer se encontravam no local do atentado. Presos os desgraçados, foram submetidos a uma farça de tribunal preparada expressamente para o caso, na qual houve de tudo: testemunhas falsas, jurados vendidos, juízes assassinos.

Em virtude deste julgamento iníquo e torpe, dois dos réus foram condenados a trabalhos forçados por toda a vida — Samuel Fielden e Miguel Schwab; um terceiro a 15 anos de prisão — Oscar Neebe; quatro foram encarcerados em 11 de Novembro de 1887 — Alberto Parsons, Adolfo Fischer, Jorge Engel e Augusto Spies; o oitavo, Luis Lingg, fugira à vindita burguesa, suicidando-se na prisão, num dia anterior.

As virtudes destes julgamentos foram destruídas por um truque: os réus foram condenados a trabalhos forçados por toda a vida — Samuel Fielden e Miguel Schwab; um terceiro a 15 anos de prisão — Oscar Neebe; quatro foram encarcerados em 11 de Novembro de 1887 — Alberto Parsons, Adolfo Fischer, Jorge Engel e Augusto Spies; o oitavo, Luis Lingg, fugira à vindita burguesa, suicidando-se na prisão, num dia anterior.

Como é certo, a imprensa organizada em Paris procurou ocultar a verdade, tomou a iniciativa de lhe relatar o que se passa por cá, tendo de todo a certeza de que será reservado um logar para esta carta nessa jornal que não se vende, nem se abandalha.

Cheguei há dias de Paris onde tive ocasião de falar com vários membros em desacordo com a colónia espanhola e pude apreciar o espírito de revolta que láava em quaisquer dos átomos.

Na fronteira francesa, onde a colónia espanhola é numerosíssima e na maior parte constituída por emigrados políticos nota-se qualquer coisa de anormal, uma certa efervescência e nervosismo que são geralmente precursores de grandes acontecimentos.

Em Irún tive ocasião de falar com um amigo meu, que lá vive há muitos anos e que me afirmou perentoriamente que o Sul da França estava transformado num vasto campo de conspiração, cujo quartel-general estava situado em Paris. Das garagens dos Pirineus, iludindo a vigilância benévola dos «gendarmes» e a imbecil «parcejas de guarda civil», passa-se diariamente grandes quantidades de armamento que seguem depois para o interior da Espanha.

Enquanto estive em Irún notei com efeito o grande número de espanhóis que pareciam dirigir-se para locais previamente combinados e outros que, como quem acaba de fazer uma viagem de recreio, atravessavam a fronteira.

Agora que chegou a Barcelona, reparo que a verdade se passa, ou está para se passar algo de anormal. Há dias, segundo soube depois, houve aqui um conflito gravíssimo entre a polícia e a população que aos gritos de «morra Rivera» e «viva a República» procurava fazer uma imponentíssima manifestação de protesto contra o rei contra a ditadura. Os jornais de cá, ostentando largos golpes de tesoura da censura militar pouco se referiam ao caso e só algumas reuniões, reuniões e vendidos ao Diretório procuraram diminuir a gravidade da situação atribuindo-a a elementos avançados sindicais.

Segundo me consta há com efeito alguns operários que foram presos e que muito provavelmente pagaram com a vida o terem querido protestar contra a infame ditadura que está martirizando o nobre povo espanhol.

Consta que Blasco Ibáñez enviou para Madrid alguns milhões de pesetas com que a colónia espanhola em França contribuiu para a campanha revolucionária. Aqui em Barcelona sei eu que os fundos já atingiram uma importância bastante elevada e naturalmente em Madrid os descontentes devem estar agido da mesma maneira.

Primo de Rivera que está em Marrocos, mas que no entanto segue atento a marcha dos acontecimentos, enviou ordens para serem reprimidos severamente todos os movimentos de carácter revolucionário.

E é em consequência dessa ordem dividida que o marquês de Magaz acaba de expulsar Melquiades Alvarez da Espanha. O general Cavalcanti, que era um dos intimos de Afonso XIII foi enviado para as Baleares. Os generais Berenguer e Saúl foram encarcerados numa fortaleza onde conservaram algum tempo.

A audácia e o espírito de sacrifício desse punhado de bravos, que esqueceram a própria vida para defenderem um povo escravizado como nenhum outro, contrasta com a inércia desse mesmo povo que tão silenciosamente assistiu ao arrancar a vida desse valioso camarada.

A longa lista de crimes do diretorio militar acaba de ser aumentada com mais duas vítimas. Para o marquês de Magaz acaba de expulsar Melquiades Alvarez da Espanha. O general Cavalcanti, que era um dos intimos de Afonso XIII foi enviado para as Baleares. Os generais Berenguer e Saúl foram encarcerados numa fortaleza onde conservaram algum tempo.

Por Marrocos também nada segue à vontade do ditador. O temporal tem dificultado as operações, e as tropas encarregadas do serviço de abastecimento têm sofrido vários revéses, havendo perdas sensíveis a regularidade.

Resumindo: os obstáculos que se erguem a cada passo, os revéses contínuos que as tropas espanholas estão sofrendo em Marrocos, o espírito de revolta que vai alastrando em tóda a população e os pronunciamentos de tempestade que se notam tanto no estrangeiro, como aqui mesmo são indícios certos e inegáveis de que dentro em pouco o Iacho da liberdade reinará desde as Astúrias até à Andaluzia. — A.F.

As últimas informações

Eis agora as notícias que as agências telegráficas nos transmitem:

Os anarquistas atravessaram a fronteira

PARIS, 10.—Foram presos vários anarquistas que tinham atravessado a fronteira espanhola dando origem aos incidentes já conhecidos e alguns dos quais se tinham refugiado de novo no território francês.

Os que foram detidos por autoridades espanholas serão julgados em conselho de guerra que provavelmente os condenará à pena última.

As autoridades francesas e espanholas da fronteira receberam instruções especiais para vigiar os elementos anarquistas. — R.

O que diz o «Matin»

PARIS, 10.—O Matin publica uma entrevista com um dos chefes do movimento revolucionário que se prepara em Espanha, a propósito dos recentes acontecimentos na fronteira.

Segundo o entrevistado, grupos de emigrados políticos dirigiram-se para vários pontos da França confinantes da Espanha, acreditando que rebentaria já ali a revolução.

As autoridades francesas e espanholas da fronteira receberam instruções especiais para vigiar os elementos anarquistas. — R.

Exortação da União Anarquista Portuguesa a todos os seus aderentes e revolucionários em geral

Pelo comité nacional da União Anarquista Portuguesa foi-nos também enviada a seguinte exortação ao seus aderentes, revo-

Redacção, Administração e Tipografia:
CALCADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA — PORTUGAL

TELEFONE 5339 CENTRAL
Oficinas de Imprensa e Estamparia:
RUA DA ATALIA, 114 e 116
Este jornal não se publica as segundas-feiras... Não se devolvem os originais... Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

como

NOS CÂNCERES DA REPÚBLICA
A polícia julgada
por um republicano

única reacção contra êsses seres repugnantes é destrui-los nos seus antros — afirma-o o dr. sr. Lopes de Oliveira

O dr. Lopes de Oliveira, um republicano do tempo da monarquia, deu ontem à *Epocha* uma entrevista, na qual faz declarações sobre a polícia que, sendo as mais desassombradas, são as mais verdadeiras.

Dessa entrevista destacamos a afirmarão de que «milhares de cidadãos têm sido, desde 1910 encarcerados, enxovalhados, espancados e mortos, nos cárceres da república».

A polícia, essa polícia de que todos os dias, os operários são vítimas, é assim classificada:

«Apártas as figuras mais representativas a polícia facinorosa do sr. Alfonso Costa é a mesma polícia de Sidonio Pais, a mesma do sr. António Maria da Silva, a mesma do sr. Caspar! E' uma monstruosa fauna. Vem de toda a parte e vive em todos os meios. Adapta-se, transmuda-se, metamorfoseia-se. Mas, sobretudo o lodo, o enxuro e a inumice lhe são propícios.

São lhe propícias as águas turvas. Daí o promover, incessantemente, distúrbios, tumultos, intentos; derramando intrigas, podridão e sangue».

O meio de evitarmos êstes inimigos da liberdade de todos nós? O dr. Lopes de Oliveira é, a esse respeito, perentório:

«A única reacção contra êstes seres repugnantes, e destruir-los nos seus antros. O habeas corpus varrerá o ar pestilencial do arbitrio. Sem êste, sem o ambiente metfítico dos pântanos morais onde prolifera a fauna imunda morrerá...»

Merecem transcrição êstes bocadinhos de oiro:

«Verdadeiros bandidos exerceram ao abrigo do regime republicano a sua natural ferocidade. Loucos dirigiram os serviços policiais e, no governo, miseráveis pretendiam abolir todos os direitos individuais, de facto, numa confusa suspensão de garantias.

... Estes sinistros filhos da noite e do crime... esta gente não tem fé nem lei. Servem tudo e todos. E estabeleceram na confusão em que temos vivido, nesta permanente desordem legal alguma extrana de androginos seres — formig branca e formiga vermelha, lacrús azuis e lesmas verdes, alimarias de agiro e morte. Alternam-se, ora uns ora outros, nas alforjas conspiratórias do governo civil. Parecendo combater-se, entendem-se ás mil maravilhas. Viven uns pelos outros. Sustentam-se mutuamente. Dão-se as más traves.

... Há uma polícia negra, parte da qual se dobra nos salões e parte da qual rasteja nos canos de exôgotos.

Não se pode ser mais claro, mais verdadeiro, nem mais explícito. Que admirar, pois, o grande número de operários que se encontra preso e incomunicável, sem ter praticado o menor delito, sem estar concretizada a mais leigra acusação?

O rol das vitimas

Abilio Gomes está há 47 dias num calabouço do governo civil, que é um autêntico museu de imundície, sob a acusação de ter responsabilidades diretas no atentado, há tempos praticado, no Hotel Francfort.

As responsabilidades não passam dumas sinta história, pois até hoje o faro do sr. Barbosa Viana ainda não foi capaz de definir. Parece-nos que 47 dias são demasiado tempo para um perdigueiro seguir um rastro, motivo porque sem mais delongas lançamos a prisão prolongada de Abilio Gomes à conta das estupendas iniquidades que o sr. Barbosa Viana pratica para satisfazer um instinto que só no mal se compreza, que só povoa os calabouços sempre tranquilo, refastelado e contente.

Estamos aqui a bradar no deserto, pois que o sr. Barbosa Viana prende sem dar contas a ninguém — e é todo poderoso devido à falta de respeito que os alarves misteriosos do Terreiro do Paço nutrem pela liberdade individual.

Uma descoberta sensacional

A polícia fez uma sensacional descoberta: a existência dum russo em Lisboa, isto é, numa cidade onde existem vários russos, burgueses uns, proletários outros. Para comemorar essa descoberta, em vez de se empitémbar, prendem Salomon Bonin pôlo incomunicável, sustentando que sóre él reciam suspeitas de intromissão directa nos últimos atentados dinásticos.

E' claro que não há suspeitas de qualidade alguma. Salomon Bonin vive aqui há meses, fazendo vida pacata, sustentando-se do que ganha como estivador. Nem os atentados têm nada com él, nem él tem nada com os atentados. O único atentado em que está envolvido não é da sua responsabilidade. Desse atentado só é vítima. Os seus autores pertencem à polícia, são os polícias que o prenderam.

Outra arbitrariedade

Isidoro de Oliveira veio à nossa redacção protestar contra o procedimento das autoridades da república que o mantiveram preso durante 30 dias, sem que lhe fizessem o mais leve interrogatório.

Disse-nos que a sua prisão foi uma representação do delegado do governo em Vila Franca de Xira, onde foi preso, acusado de estar implicado no caso do Hotel Francfort.

Lêde o suplemento de "A Batalha"

HOJE — Teatro de São Carlos — HOJE

A interessante e espíritoiosa comédia

O LEQUE M. ELLE PASCAL

Já está em ensaios a peça do escritor PRECHAUD

lucionários e proletariado português em geral:

Com os últimos acontecimentos sucedidos em Espanha, os quais vêm anunciar uma nova fase na questão política e social deste país, não podem os revolucionários portugueses ficar de braços cruzados.

O comité acaba de ser informado de que muito breve se dará na Espanha reacionária um grande movimento que conduzirá à sua salvação o tam vilipendiado povo espanhol, povo que muito tem sofrido e muito tem sido espinhoso nas suas mais eiras regalias pela tríplice aliança negra de jesuítas, militares e capitalistas. A tanto sofrimento impõe-se a hora grande da salvação a que todos os homens livres devem dar o seu nobre concurso. O Directorio militar, em vistas das rebeldias que se erguem, exerce por todos os lados uma violenta repressão. Por causa da educação jesuítica que há muito reina na Espanha nra, a delação auxilia a obra da repressão.

A ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

NA INGLATERRA

O desenvolvimento do fascismo

Em Inglaterra existem actualmente duas organizações fascistas:

1º — Os Fascistas Britânicos, sociedade de responsabilidade limitada.

2º Os Fascistas do Império Britânico.

Esta última organização tem um carácter muito clandestino, faz menos barulho do que a primeira, mas isto não significa que seja menos perigosa.

Direcção: Segundo a sua publicação oficial, os «Fascistas Britânicos» estão organizados sob a direcção dum «Comité Executivo». Este compõe-se dum presidente, dum vice-presidente, dum secretário à organização, dum secretário adjunto, dum tesoureiro e dum certo número de secretários gerais.

Também possuem um Conselho Supremo, composto de membros do «Comité Executivo» e de secretários. Todos os funcionários são nomeados pela Central e podem ser inibidos de repente das suas funções, mesmo que para isso não haja motivos.

Organização: a) **Células:** cada célula compõe-se pelo menos de sete membros comandados por um oficial. O fim da célula é tomar «medidas activas contra os elementos revolucionários do seu distrito».

b) **Transportes:** A comissão de Transportes compõe-se de membros possuidos vários meios transporte, bem como cocheiros, chauffeurs etc. O fim desta comissão é «manter as ligações em caso de revolução». Provisoriamente os proprietários de automóveis estão filiados em diferentes células e obrigados a pôr a todo o momento os seus carros e automóveis particulares à disposição das células.

c) **Comissão de Propaganda:** Deve informar as células da actividade dos revolucionários contra os quais estas têm que «tomar medidas preventivas». A comissão também livros e organiza conferências. Uma série de brochuras já foi editada e distribuída gratuitamente; a organização também tem um periódico mensal. Na brochura n.º 4 intitulada *Union Jack ou a Bandeira Vermelha* encontramos esta passagem característica: «Não se trata só de encorajar o patriotismo, mas também devemos obrigar o povo pela força a seguir estas ideias... O fascismo é em geral uma organização constitucional que só empregará meios legais», enquanto o governo comprir a sua função essencial, que é de manter a paz e a ordem e nunca deverá capitular perante as reivindicações exageradas dumha extrema-direita da população, seja qual é a fôrça.

A Subright, um dos propagandistas britânicos, declarou num «meeting» no Tempérance-Hotel (Birmingham): «Muitos dos nossos membros têm sede de sangue e sentem-se impotentes para os sustar». No boletim de junho lemmos o seguinte: «Nós, fascistas ingleses, destruiremos os revolucionários exaltados, dum maneira de que não haverá memória ter-hávão outra semelhança na história da Europa.»

A influência dos fascistas: naturalmente é difícil apreciar exactamente a fôrça efectiva dos fascistas, mas devemos considerar os seguintes factos:

1º O boletim de junho dá-nos extractos de reuniões de células em Bedford (170 assistentes), Birmingham, Camberley, Cardiff, Leeds, Stamford, West Hau.

2º Durante uma reunião da divisão de Londres, que ultimamente se realizou, estavam presentes 400 membros, e sonhe-se que só 25 p. c. dos membros de Londres, assistiam a essa reunião.

3º M. Subright diz que os fascistas posuem 200 centros na Inglaterra.

Como vêem, em tóda a parte a burguesia organiza-se para impedir, se fôr possível, qualquer movimento revolucionário.

Os operários devem pensar bem no que aqui acaba de expôr-se e começarem a pôr-se em guarda para qualquer tentativa de organização neste género em Portugal.

Instrução

A greve dos ferroviários austriacos

VIENNA, 10 — Continua a greve dos ferroviários austriacos. O governo pediu a demissão, devendo o Conselho Nacional proceder à eleição no próximo dia 11.

O Chanceler Seipel declarou que o governo não admite que os funcionários apresentem qualquer revindicação, nem lhes reconhece o direito de fazer greve. Todos os serviços ferroviários estão paralisados com exceção da linha ferrovia de Viena para o sul. Todos os comboios de passageiros ficaram retidos nas estações em que se encontravam, continuando apenas o serviço de comboio de mercadorias que transportavam viveres ou géneros de primeira necessidade. A nota oficial do governo diz que tinham feito aos ferroviários as concessões máximas que o orçamento permitia, e que as novas exigências de aumento de salários não foram satisfeitas porque provocariam o desequilíbrio orçamental.

A vida na Áustria está paralisada. Têm sido feitas grandes demonstrações contra o município de Viena, pelos pessimistas impostos que tem lançado, apesar de se encontrar numa situação relativamente desfogada. O chanceler Seipel declarou aos jornalistas que só se manteria no governo se lhe fossem aceites os pedidos exorbitantes de algumas classes entre elas as dos ferroviários. — R.

Dr. Pedro Vallina
DOENÇAS DO CORAÇÃO E PULMÕES
CLÍNICA GERAL

Consultas: Quintas-feiras e sábados, das 21 a 23 horas na Travessa do Agua de Flor, 16, 1.º

Chamadas: rua Gomes Freire, 42-B, 12.º

A tarda dos delinqüentes

A polícia é uma entidade inventada para praticar delitos de tóda a ordem, principalmente aqueles que revelam os piores instintos e mais possam magoar a sensibilida-de... dos quais não são polícias.

Ainda há dias, no largo do Corpo Santo, um polícia, que ali se encontrava de serviço, agrediu uma pobre mulher que se encontrava embriagada. A agressão foi tão brutal que a prostrou, no solo, banhada em sangue. Acudiu logo um companheiro de «herói», que, como visse algumas pessoas protestarem contra a canibal agressão, pulou logo do revolver, pronunciando-se a disparar, a matar qualquer pessoa que demonstrou um ânimo.

NO SÃO LUÍS

A festa de Luís Filgueiras

Em honra do maestro Luis Filgueiras realizou-se uma festa no São Luís. Espectáculo variado, em que tomaram parte artistas dramáticos e líricos, os seus números foram cumpridos a risca, excepto os do violinista Nicolino Milano e da actriz Satalnas, que, por motivos óbvios, não compareceram.

A récita revelou-nos o jovem pianista Rosenstock, que tem gosto e faz-nos admirar boa execução e pôs mais uma vez em bom lugar o violoncelista Henrique de Mendonça nos seus solos de violoncelo.

Amélia Rey Colaço, na peça de Quintos «Sangre gorda» foi espanhola a valer e actriz como costuma ser. Acompanhou-a em cena este repertório e ficou mal a homens e a instituições que as praticam. A exploração está nas palavras dum antigo director do Império:

— Nós distribuímos êstes cartões às casas diretivas...»

Isto é: o I. L. C. arranjou duas classes na imprensa os «casas diretivas» e os que não são. E porque é que *A Batalha* não pertence à primeira das categorias? Não sabemos; esperamos que a direcção do Império Lisboa Club nos elucidem.

Futebol

Os desafios de domingo

O Caravelinhos triunfou facilmente do Chelas por 4-0, sem que tivesse no entanto desenvolvido bom jogo. A primeira parte terminou com o resultado de 3-0. O Chelas apresentou em campo 4 jogadores de 1.ª categoria e os restantes de 2.º, por haverem sido suspenso pela sua direcção vários jogadores de 1.ª categoria, para reprimir, sempre nos díez, abusos e indisciplina.

No segundo desafio, o Benfica venceu o Vitória, pelo elevado resultado de 6-0. O vencedor dominou durante todo o jogo, dando a diferença de número de defesas executadas pelos dois guarda-redes ideias desse domínio: Vitória, 29 defesas, Benfica, 10.

A pesar de perfeitamente justificada a vitória do Benfica pelo bom jogo que desenvolveu, não deixou de causar admiração o triunfo, em vista das tradições que o Vitória adquiriu.

Lúcia C. Pereira

Vítima de uma congestão faleceu, em Barcarena, Lúcia C. Pereira esposa do operário arquivista da Federação Ferroviária. O seu funeral realiza-se hoje, pelas 15 horas, da estação do Terreiro do Paço para o cemitério do Alto de São João.

A comissão administrativa do Sindicato Ferroviário da C. P. convide todos os camaradas disponíveis a incorporarem-se no funeral.

António Ventura

Hoje, pelas 14 horas, realizar-se-há o funeral de António Ventura, pai de Joaquim Ventura, dos «chauffeurs» marítimos, saíndo da rua dos Cordeiros, 16, para o cemitério do Alto de São João.

A associação dos maquinistas fluviais convida os seus componentes a incorporarem-se no funeral.

Adelina José

Realiza-se hoje o funeral de Adelina José, companheira de Francisco Jorge e cunhada de João Jorge.

O prémio fúnebre sairá, às 14 horas, da sua Particular à ru Maria Pia para o cemitério de Benfica.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Legítimo metal AUER, única privilegiada e acreditada universalmente a fazer a fôrça das armas de fogo, é fabricado em DÚZIA 60 CENTAVOS (cuadras as imitações).

a) aos centos e aos milhares, assim como rodas, rodas, tubos, pipas e tampões, aos melhores preços para revenda.

Pedidos a CARLOS A. SANTOS Depósito: Rua do Arsenal, 60 — LISBOA

FABRICA de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento GOARMON & C. Travessa do Corpo Santo, 17 a 19 — TELEF. C. 1244 — LISBOA

DENTES ARTIFICIAIS a 15000 — Obstruções a 25000 — Extracções a 10000 — Cura de dentes a 10000 — Das 11 a 15 no consultório de MARIO MACHADO da Escola Dentária de Paris Chiado, 74, 1.º — Telef. C. 418 ROSSIO, 93, 1.º ANDAR.

EDEN TEATRO (Telefone Torre 3800) HOJE — ÀS 21,30 DA NOITE Companhia OTÉLO DE CARVALHO

Agenda de A BATALHA

CALENDÁRIO DE NOVEMBRO

T.	4	11	18	25
Q.	5	12	19	26
S.	6	13	20	27
D.	7	14	21	28
S.	8	15	22	29
D.	9	16	23	30
S.	10	17	24	-

HOJE O SOL

SÓ COM O LUCRO DE 10%.

NA SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

FASES DA LUA

Desaparece às 17,27

L. C. dia 3 às 22,21

Q. M. 19 às 12,37

L. N. 26 às 17,26

MARES DE HOJE

Praiamar às 3,14 e às 3,31

Baixamar às 8,44 e às 9,01

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Londres, 9 dias de vista	102\$00	102\$00
Londres, cheque	121\$18	121\$10
Paris	42\$35	42\$38
Suica	120\$08	120\$08
Bélgica	30\$65	30\$65
Itália	62\$01	62\$01
Holanda	52\$05	52\$05
Madrid	22\$00	22\$00
New-York	32\$34	32\$34
Noruega	62\$05	62\$05
Suecia	28\$02	28\$02
Dinamarca	28\$02	28\$02
Praga	28\$02	28\$02
Buenos Aires	28\$02	28\$02
Viena (uso corrente)	28\$02	28\$02
Rentmarche ouro	52\$00	52\$00
Agio do ouro	22\$00	22\$00
Líbano ouro	114\$00	114\$00

ESPECTACULOS

THEATROS

São Carlos - A's 21,30 - O Leque.
Nacional - A's 21 - O Regente.
São Luís - A's 21 - Frascati.
Trindade - A's 21,15 - A dança das Libélulas.
Politeama - A's 21 - Amanhecer.
Penélope - A's 21,15 - O Páço do Bispo.
Apollo - A's 21,15 - Os Mineiros.
Eden - A's 21,30 - O Bolo Rei.
Maria Vitoria - A's 20,30 e 22,30 - Rés-Vésus.
Coliseu dos Recreios - A's, 21 - Companhia de circo.
Selão Tej - A's 20,30 - Variedades.
Gil Vicente (à Graça) - Não há espetáculo.
Penha Parque - Tôdros as noites - Concertos e diárias.

CINEMAS

Olimpia - Chiado Terrasse - Salão Central - Cinema
Condes - Salão Ideal - Salão Lisboa - Sociedade Promotora de Educação Popular - Cine Páris - Cine Esperança - Chanteclet.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete francês «Britânicas» são hoje expedidas as malas postais para New-York e por via Marcialha para a Índia portuguesa o Macau, efectuando-se da Estação Central dos Correios as últimas tiragens respectivamente às 9 e 10,30.

Hoje às 11,30 amanhã 12, e depois 13, é obrigatório a selagem das correspondências com selos de Centrofílos de Camões. Sejam multadas as que levarem selos da comemoração do grande épico.

CALÇADO MAIS BARATO!
Só se vende na rua do Comércio, 19-21,
— para homem, senhora e criança —
VER PREÇOS NAS NOSSAS MONTRAS

Electricistas montadores
Não comprem material eléctrico
sem ver os preços porque vende

A. Pedro dos Santos
Rua dos Douradores, 177

CONTADORES
PARA ÁGUA
— Artigos de futebol —
- Bicicletas - acessórios —
— Chegarão novas remessas —
Banheiras de ferro esmaltadas
Máquinas para coser. Quinquilharias
— e carbureto de calcio —

PINTO COELHO R. de São João, 28 —

TUBERCULOSOS
abitados, com suores nocturnos, anêmicos,
fracos pela falta de apetite curvam-se a

Tricolina
Tendo tomado a TRICOLINA cumprido-me afirmar
que lhe dei um poderoso estimulante do apetite,
bom tônico, obtendo bons resultados no restabelecimento da minha saúde de muitíssimo abalada por
uma grave doença pulmonar, Alberto Sousa dos
Santos - Barro Catarina, A, 4.
DEPÓSITOS:

Farmácia Estácio, Rossio,
Raposo Sobrinhos, Largo de São Julião, 11,

— O imperador Karl tem cabelos brancos, e eu
conto dezoito anos, respondeu o jovem bretão coran-
do e abaixando os olhos; não posso portanto res-
ponder.

— Velho, replicou Karl voltando-se para Amael, a
mãe do teu neto deve ser uma feliz mãe. Mas agora
me lembra, meu rapaz, não foste tu que ontem, pouco
depois da minha chegada, ias quebrando uma perna
quando caiste do cavalo?

— Eu? exclamou Vortigern corando de orgulho, eu,
cair do cavalo? Quem se atreveu a dizer isso?

— Oh! oh! meu rapaz, não te faças velhinho, re-
plicou o imperador a rir. Vamos, sossega, eu não
quero ofender o teu amor próprio de picador, longe
disso; porque antes de te ver, já tinha ouvido intermi-
náveis narrações, a respeito da tua elegância. As mi-
nhas queridas filhas, e sobretudo a pequena Tetralda e
Hildruda, dez vezes me repetiram durante a ceia,
que tinham visto um formoso selvagem bretão-sinhão,
posto que ferido num braço, mancejar o seu cavalo
como o melhor dos meus estribeiros.

— Se mereço alguns elogios, só a meu avô se de-
vem atribuir, respondeu modestamente Vortigern; foi
ele quem me ensinou a montar a cavalo.

— Eu gosto dessa resposta, meu rapaz; ela prova
a tua modéstia e o teu respeito pela gente idosa. Ago-
ra dize-me, sabes ler e escrever?

— Sim, minha mãe ensinou-me uma e outra coisa.

— Sabes cantar missa a cantoção?

— Eu! replicou Vortigern muito admirado, eu
cantar missa! Não, não, entré nós não se canta
missa!

— Ora vejam estes pagãos bretões! exclamou Karl
Ah! os meus bispos têm razão, é um povo endiabrado
e tal povo armoric! Que pena que um tam lindo e
modesto rapaz não saiba cantar a cantoção!

— E pondo o bonet de peles na cabeça e encostando-
-se à bengala, o imperador disse ao velho:

— Vamos, siga-me, senhor bretão. Ah! tu só conhe-

ces Karl o ferrabraz? Pois eu vou mostrar-te outro

Karl a quem não conheces.

— E o imperador, coxeando e abordoando-se à ben-
gala, dirigiu-se para a porta fazendo sinal aos assisten-
tes que o seguissem; mas parando no limiar, disse
a Octávio:

— Vai prevenir Hugo, meu monteiro mór, que pre-
tendendo caçar logo ao veado na floresta de Openhein,
que mande para ali a matilha.

— Augusto príncipe, as suas ordens serão ex-
cutadas.

— Tu dirás também ao Nomenclator mór da minha

mesa, que talvez jante no pavilhão da floresta, se a
cagara se prolongar. O meu séquito também jantará;

que o banquete seja portanto sumptuoso. Em quanto a
mim, dirás ao Nomenclator que ainda não variei de
gosto; uma boa perna de caça assada, ainda fumegante
no espelho, é o meu maior regalo.

— O jovem romano inclinou-se novamente, Karl foi o
primeiro que saiu do quarto, seguido logo de Eginhard
e de Amael. Octávio, aproximando-se então de Vorti-
gern, disse-lhe em voz baixa:

— Vou dizer ao aposento das filhas do imperador
que ele vai caçar. Por Venus! a mãe dos amores pro-
tege-te, meu jovem bretão.

— O mancebo hesitava em responder ao romano,
quando Amael voltando-se, o chaniou e lhe disse:

— Vem, meu filho, o imperador deseja encostar-
-se ao teu braço para descer a escada e percorrer o
palácio!

— Vortigern, cada vez mais perturbado, aproximou-se
de Karl, que dizia aos seus camaristas:

— Não, ninguém me acompanhará, senão Eginhard
e estes dois bretões.

Dirigindo-se então ao mancebo:

— O teu braço servir-me há de melhor encosto do
que a minha bengala, esta escada é íngreme; anda, e

caminha com toda a cautela!

— O imperador, encostado ao braço de Vortigern,
descer vagarosamente os degraus de uma escada que

comunicava com um dos pórticos de um pátio; ali,
Karl abandonou o braço do jovem bretão e disse-lhe
pegando na bengala:

— Tu caminhaste com muito acerto, és um bom guia.

Que pena não saberes cantar cantoção!

E dizendo isto, Karl seguiu uma galeria ao com-
prido do pátio; as pessoas que o acompanhavam se-
guiam-no em distância.

Neste momento Karl bateu a uma porta que dava
para a galeria. Immediatamente um homem vestido de
preto veio abrir a porta e exclamou cheio de surpresa
dobraendo o joelho:

— O imperador!

E como o homem fizesse um movimento para cor-
rer à porta de uma sala próxima, da qual se via a
entrada, Karl disse-lhe:

— Não te mexas daí! o mestre Clemente está na
classe, não é verdade?

— Sim, príncipe augusto.

— Fica aí.

E dirigindo-se a Amael:

— Senhor bretão, tu vais visitar uma escola que eu
fundei, e onde ensina mestre Clemente, célebre retó-
rico, que eu mandei vir da Escócia. Os filhos dos
maiores fidalgos da minha corte, têm por minha ordem
de vir estudar a esta escola com os filhos dos meus
mais pobres servos.

— Isso é muito bem feito, Karl; dou-te os meus
parabéns!

— E entretanto foi Karl o ferrabraz quem fez esta
boa coisa. Anda vem comigo, entremos.

E voltando-se para Vortigern:

— O' meu rapaz, vossê que não sabe cantar missa,
entre, entre, e abra bem os olhos e os ouvidos; vai
ver estudantes da sua idade.

A escola palatina, dirigida pelo escossês Clemente,
e à qual os dois bretões seguiram o imperador estava
cheia de duzentos estudantes pouco mais ou menos;

todos se levantaram dos seus bancos à vista de Karl;

mas o imperador fazendo sinal para que se assentassem:

— Estejam assentados, meus filhos, eu gosto mais

de os ver com o nariz em cima dos livros, do que com
ele no ar, sob o pretexto de respeito pela minha
pessoa.

Mestre Clemente, director da escola palatina, dis-
punha-se a descer do seu estrado, mas Karl exclu-
mou:

— Deixa-te estae no teu trono de sapiência, meu

digno mestre; eu aqui não sou mais do que um dos

teus vassalos: desejo apenas lançar as minhas vistas

sobre os trabalhos destes rapazes, saber de ti se éles

se satisfazem e se têm progredido na minha ausência.

Vejamos os trabalhos de hoje.

O imperador gabava-se de entender de belas le-
tras; assentou-se numa cadeira junto do estrado de

mestre Clemente, e examinou com demora muitos

cadernos, que lhe foram entregues por diversos es-
tudantes; mas os discípulos que pertenciam a parentes

nobres ou ricos não apresentaram senão trabalhos me-
diocres ou detestáveis, e pelo contrário, os discípulos

mais pobres, ou de condições menos elevadas, apre-
sentavam obras de tal modo distintas, que Karl exclu-
mou voltando-se para Amael:

— Se tu fosses mais literato, senhor bretão, apre-
ciarias como eu estas letras e estes versos que acabo

A BATALHA

A arma do proletariado contra a burguesia dumha localidade é a União dos Sindicatos, contra o capitalismo dumha nacionalidade, a Confederação, contra a reacção mundial a Associação Internacional dos Trabalhadores.

A carestia da vida e a greve da pesca

Quem tira a Lisboa 90 toneladas de peixe por dia? Quem impede o barateamento da vida? A ganância dos armadores!

Em um vistoso artigo aparecido na imprensa, e em manifestos distribuídos ao público, vêm os armadores da pesca deitar pogos nos olhos do público com os ordenados e mais vencimentos da gente ocupada na pesca de arrasto, que é a feição de trabalho mais violenta que existe no mar. Os vapores têm quinze dias de viagem e apenas dois de demora nos portos para meterem carvão, gelo e mantimentos, e quando se demoram mais tempo, é porque o armador convém a descarga por conta-gotas, para não diminuir o escandaloso preço do peixe.

As classes marítimas sentem-se lisonjeadas pelas comparações com tantas pessoas notáveis que no ditó artigo se fazem; resta saber se as ditas pessoas (*as que por acaso não são aacionistas de barcos de pesca*) se sentirão por igual lisonjeadas em vêr os seus nomes servir de alvo a manigâncias que, para cíntimo, ainda revelam a pouca inteligência de quem as formula.

O fim de tal campanha (lá o dizem) é não consentir que um piloto e mais gente de pesca, ganhe mais do que os matemáticos, generais, juízes, etc., não é pôs uma campanha de justiça é uma campanha de ódios.

Todos esses cavalheiros podem ter os provenientes citados, mas de categoria por quanto exercejam é bem pago por fora. Os marítimos têm-nos sómente quando navegam *o que dura apenas oito meses por ano* e trabalham no mar.

Uma vez desempregados toca a gastar as economias *bem ganhas*:

Uma vez inutilizados ou envelhecidos no árduo labor burocrático, esses senhores, têm a sua reforma, ao passo que a dos marítimos é a miséria que os espera em não podendo mais ser explorados, e têm por isso que olhar ao futuro ganhando éles mesmos as suas reformas. Um marítimo embarcado pode contar praticamente com a despesa de duas casas, sendo obrigado a ter mais roupa em uso que quem vive em terra, e ainda a sustentar as famílias, que têm todo o direito a conforto e instrução como os filhos dos cavalheiros alevados.

Está-se pois a ver, o que repugna aos armadores é *dar dinheiro*, ao mesmo tempo que se empregam todas as manigâncias nas lotas para vender o peixe por preços escondidos.

Quer o público saber quanto os armadores ganharam no mês de Agosto?

A seguir expomos a verdadeira situação dos vapores citados pelos armadores.

Vapor «Alcatraz»

Receita bruta da venda do peixe...	340.603\$00
Total das despesas incluindo soldadas...	150.000\$00
Receita líquida, além de 70 contos de peixe para o guano...	190.603\$00

Vapor «Oceanus»

Receita bruta da venda do peixe...	283.000\$00
Total das despesas incluindo soldadas...	145.000\$00
Receita líquida...	138.000\$00

Vapor «Estréla do Mar»

Receita bruta da venda do peixe...	265.000\$00
Total das despesas incluindo soldadas...	160.000\$00
Receita líquida...	105.000\$00

E' por este processo que os armadores, feitos os concertos, despesas de administração, dividendos e luvas a amigos, metem no bôlo *limpinhos* 100 120 contos por mês e por vapor, que ao fim de 9 a 10 meses está forro.

Caldeiradas

Deixa-se nas tabelas dos armadores que os tripulantes recebem e vendem cada um 200 escudos de peixe. A verdade é que cada tripulante recebe o máximo de 15 quilos de peixe como caldeirada. Atribuir-lhe o valor de 200 escudos por cabeça é simplesmente uma infâmia! Alguns tripulantes, em geral idos da pesca do bacalhau, usam esclar o peixe que não tem valor na lota, por não aguentar frigorífico e ser porrisso lançado ao mar. Este serviço é feito durante as horas de folga.

Os armadores é que costumam levar de cada navio cerca de 1 tonelada para elas e para os amigos, podendo dizer-se que uma pescada de dois em dois dias é uma gazua que abre todas as portas.

Comparações

Agora vamos ocupar-nos dos nossos camaradas doutores, generais, etc.

Toda a gente sabe que se têm farto de pedir melhoria de ordenado enquanto só pedimos melhoria, não de categoria mas de exercício.

Porque não veem os generais bem entendido que são aacionistas de barcos de pesca, comandar os barcos de arrasto? Porque não veem os médicos nas mesmas condições fazer redes? Os magistrados conduzir máquinas? Os lentes cozinhar a bordo? Os almirantes conduzir caldeiras? Conforme as comparações dos armadores?

E' porque não vivem só dos ordenados apontados (hoje insuficientes) e temem conforme as suas profissões as comissões em que os ordenados lhes são aumentados, como por exemplo um dos almirantes visados, sr. Pinto Bastos, tem além do almirantado a direcção da Escola Naval, três casas de negócio, é armador da pesca e director da mesma.

A intriga

No fundo, toda esta intrigalhada é efecto do capitalismo que pretende dividir para políticas à vontade. Já para quererem os capitães criarem os armadores invejas e odios entre o pessoal, visando especialmente os capitães, exactamente no seu manifesto.

Pretende o capitalismo mandar no ministério de Marinha, o que consegue; para lá têm atirado com ações e quinhões, na indústria da pesca, que afinal já renderam a burla das Escolas da Pesca, cujo único fim é criar intriga entre a gente do mar, com a ameaça de lugares de oficiais e capitães serem tirados aos mesmos. Esta situação já tem dado lugar a traições feitas a



CRISE DE TRABALHO

O comício operário do Porto

A moção apresentada pela U. S. O. exortando o operariado a opor-se aos propósitos do patrónato é aprovada com entusiasmo

PORTO, 9—Como tinha sido resolvido no último Conselho federal da U. S. O., efectuou-se hoje, na Alameda das Fontainhas e depois de hora meia da hora marcada, o comício operário para apreciar a presente e avassaladora crise de trabalho e o modo mais eficaz de a atenuar.

Este comício, em consequência da importância do problema a versar, devia ser extraordinariamente concorrido, não só por aqueles trabalhadores que foram arremessados para a chômage pela torpe especulação capitalista, mas ainda por todos os que, embora trabalhando por enquanto, estão na ameaçada contingência de breve virem para a ruia.

Inefilmente, tal não aconteceu, pouco passando a concorrência, depois dum mornaza espessa, de uns 700 assistentes, na sua maioria, ainda para mais, empregados.

E' certo que o tempo não estava de um esfusíssimo sol: chovia torrencialmente de manhã cédo, mas precisamente quando se aproximou a hora da reunião até quando acabou o comício, a bonança pluvial fizera sentir.

O que houve foi uma grande e lamentável indiferença, excelente e aproveitada pelos causadores do desemprego: o povo explorado e em forçada folga habituado a esmolá, a italiana e as de outras nacionalidades onde o seu golpe de vista é mais tacanho.

Repudia, igualmente, a ideia da esmola:

não é com caldeirões que se resolve a crise de trabalho; não faz sentido que, logo na primeira semana de crise, em vez de se seguir para os sindicatos, para que a organização operária directamente tratasse de tão magnifico e temeroso problema—se caisse antes no triste caminho de mendigar esmolas aos nossos opressores. A crise de trabalho só terminará quando o povo trabalhador tomar conta das fábricas e das oficinas, das minas e dos campos, de todos os meios de transportes terrestres e marítimos, etc. O nosso grito contra a chômage imposta pelo capitalismo deve ser: «pô, trabalho ou revolução...»

Depois de aprovada por uma vibrante salva de palmas e do presidente proferir mais algumas frases, o comício encerra-se aos vivas à organização operária, *A Batalha, Juventude Sindicalista, Internacional de Berlim, etc.*, todos bastante correspondentes.

Também houve alguns vivas à I. S. V.

Sindicato U. da Construção Civil

O conselho administrativo deste organismo torna público que em virtude da crise que se está atravessando presentemente, se encontra na sede todos os dias, das 9 às 11 horas da manhã, um delegado do conselho de secções a fim de inscrever todos os sócios que se encontram sem trabalho, no sentido de a comissão que junto das entidades competentes tem tratado da abertura das obras particulares e do Estado lhes obter imediata colocação.

A inscrição só será feita mediante a apresentação da cadereta profissional.

Manufactores de calçado

A direcção do Sindicato dos Manufacturadores de Calçado, na sua última reunião apresenta a crise que a classe está, atravessando e constata que por esse motivo alguns industriais se estão preparando para diminuir os preços da mão de obra.

Sobre a indisciplina constatada nestes últimos tempos com alguns componentes do sindicato, o delegado da classe, Antônio Brás, fez uma larga palestra educativa e ideológica, sendo aplaudido por toda a assembleia.

Compositores e impressores tipográficos

Reúnem em conjunto as suas direcções que se ocuparam da crise de trabalho nas respectivas classes, deliberando encetar *démarches* no sentido de atenuá-la, devendo prosseguir a discussão do assunto numa reunião que se deve realizar na próxima quinta feira.

Aos impressores

A direcção do Sindicato dos Impresos Tipográficos convoca os componentes da classe, que sejam sócios ou não, que se encontram desempregados ou não trabalhem as semanas completas, a inscrever-se no Sindicato, a fim de poderem ser iniciados trabalhos para atenuar a crise existente na indústria.

Os cadernos de inscrição estão patentes, hoje e amanhã, das 21 às 23 horas, na sede sindical, calçada do Combro, 38-A, 2º.

Chafeurs do Sul

Pelas 21 horas a assembleia geral para apreciação dos avisos a propor para a dar ao antigo professor da aula de corte dessa associação, sr. Maia, ácerea dumas insinuações que este senhor publicou no *Diário de Lisboa* de 4 de outubro.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

Federação dos Empregados no Comércio—Junta Sul—Pelas 21 horas.

Federação do Livro e do Jornal—C. G. T.—Secretariado, as 21 horas.

Cochereiros—A assembleia, pelas 21 horas, para apreciar as *démarches* sobre aumento de salário.

Sindicato Único Metalúrgico—A comissão pró-presos, às 20,30.

Impressores Tipográficos—A direcção e comissões da bandeira e pró-A Batalha, as 21 horas.

Chafeurs do Sul—Pelas 21 horas a assembleia geral para apreciação dos avisos a propor para a dar ao antigo professor da aula de corte dessa associação, sr. Maia, ácerea dumas insinuações que este senhor publicou no *Diário de Lisboa* de 4 de outubro.

OFICIAIS DA MARINHA MERCANTE.

A assembleia geral extraordinária, pelas 15 horas, para tratar de assuntos da pesca e outras responsabilidades.

PARA DIAS PRÓXIMOS:

S. U. Metalúrgico, *Pessoal da Parceria dos Vapores Lisbonenses*.—Amanhã, às 17 horas, na sede do sindicato.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação.—Reúne amanhã pelas 20 horas, o comité federal.

Núcleo de Lisboa.—Reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão revisora de contas.

CONSELHO TÉCNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Reúne amanhã, pelas 20,30 horas, em 2.ª convocação, sendo indispensável a comparecência de todos os delegados devido à importância dos assuntos a tratar.

LIMAS

As melhores são da LIMA.

Tomé Feiteira, Vieira de Leiria—Pedir em todas as lojas.

Em preços e tempos ríspidos com as melhores marcas.

MARCAS REGISTADAS

Pedidos nos nossos Representantes e Depositários em Lisboa srs. Ferreira & C. Ltda—Calado da Marques de Abrantes, 138—Tel. C. 1239

As melhores são da UNIÃO.

Tomé Feiteira, Vieira de Leiria—Pedir em todas as lojas.

Entra em prática para atingir o fim desejado;

3.º Realizar, para este efeito, em todos os sindicatos reuniões magnas, a fim de, após o estudo necessário e de harmonia com as condições de cada sindicato, e ainda segundo o parecer apresentado pela C. G. T., se pôr em prática os meios que se julgar convenientes para atingir o fim desejado;

3.º Aguardar, entretanto, os trabalhos que a Comissão da U. S. O. está realizando juntamente das diversas entidades, no sentido de, transitoriamente, atenuar a enorme chômage que se vê acentuando;

4.º Que este comício seja o inicio de outros, realizando, tendo por objectivo um movimento de carácter geral e nacional tendente a, duma forma definitiva, assegurar a normalização da vida dos trabalhadores.

Depois de aprovada por uma vibrante

salva de palmas e do presidente proferir

mais algumas frases, o comício encerra-se

aos vivas à organização operária,

A Batalha, Juventude Sindicalista, Internacional de Berlim, etc.

Reúne amanhã, pelas 20 e meia horas.

U. S. O.

Comissão Administrativa

Reúne hoje, às 20 horas.

COMUNICAÇÕES

Federação dos Trabalhadores Rurais—Comissão Administrativa.—Apreciação variável expediente entre o qual um oficial dos Rurais de Beja, sendo resolvido baixar à proxima reunião do conselho federal assim como o de Fronteira. Apreciação dos relatórios dos delegados que sairam em missão de propaganda a Santana do Campo, Sabugueiro e Vale de Vargo, sendo todos considerados.

Fogueiros de Mar e Terra.—Em assembleia geral foi aprovada por unanimidade o expediente entre o qual um oficial dos Rurais de Beja, sendo resolvido baixar à proxima reunião do conselho federal assim como o de Fronteira. Apreciação dos relatórios dos delegados que sairam em missão de propaganda a Santana do Campo, Sabugueiro e Vale de Vargo, sendo todos considerados.

Fogueiros de Mar e Terra.—Em assembleia geral foi aprovada por unanimidade o expediente entre o qual um oficial dos Rurais de Beja, sendo resolvido baixar à proxima reunião do conselho federal assim como o de Fronteira. Apreciação dos relatórios dos delegados que sairam em missão de propaganda a Santana do Campo, Sabugueiro e Vale de Vargo, sendo todos considerados.

Fogueiros de Mar e Terra.—Em assembleia geral foi aprovada por unanimidade o expediente entre o qual um oficial dos Rurais de Beja, sendo resolvido baixar à proxima reunião do conselho federal assim como o de Fronteira. Apreciação dos relatórios dos delegados que sairam em missão de propaganda a Santana do Campo, Sabugueiro e Vale de Vargo, sendo todos considerados.

Fogueiros de Mar e Terra.—Em assembleia geral foi aprovada por unanimidade o expediente entre o qual um oficial dos Rurais de Beja